

Título: Leituras do feminismo brasileiro na peça teatral *Homem não entra*

Autor: **Gabriel Felipe Jacomel**

Filiação institucional: Graduando de História na Universidade Federal de Santa Catarinaⁱ

(...) fiquei impressionada com o grau de desinformação das pessoas adultas sobre sexo. Um grande número de mulheres na faixa da minha idade, com mais de 30 anos e menos de 40, ainda não está ciente de como funciona o seu corpo e o do seu parceiro. Para dizer o mínimo.ⁱⁱ

A epígrafe supra-citada é um breve relato de uma inusitada experiência. Experiência esta, que Cidinha Campos, autora da fala referida anteriormente, teve a oportunidade de produzir e protagonizar no ano de 1975, e que gerou alarde e discussões em diversas esferas da sociedade brasileira: a peça de nome *Homem não entra*. Sua montagem e encenação agitaram não apenas o debate daqueles e daquelas que estiveram envolvidos no processo de produção e autoria da peça (como a atriz e produtora Cidinha Campos, que em seu discurso mencionado anteriormente obteve um reflexo da repressão e falta de informação que tangem à sexualidade de brasileiros e brasileiras), mas de diversos outros sujeitos, que constroem narrativas diferentes acerca da montagem de *Homem não entra*. Este painel objetiva apresentar um recorte de alguns desses discursos, referentes a periódicos e bibliografia que venham a discutir sobre a peça estudada e, desta forma identificar leituras, apropriações, e reinvenções das discussões feministas dadas à época.

O primeiro aspecto que chama a atenção é o fato de que o nome da peça fazia jus à prática levada a cabo nas imediações do teatro. Homens realmente não entravam! Dessa maneira, contando apenas com mulheres na platéia, Cidinha Campos, a única atriz em palco, poderia conduzir a dinâmica que caracterizava a peça. Segundo a *Revista Fatos e Fotos*, *Homem não entra* foi, até o momento de sua estréia, “(...) a única peça no Brasil em que a ação não se passava no palco, mas sim na platéia”ⁱⁱⁱ. As pessoas que pagavam para ver a peça eram convidadas pela protagonista e produtora Cidinha Campos, para manifestarem-se sobre suas experiências pessoais enquanto mulheres, no decorrer do *show*. Em entrevista de Cidinha ao periódico *O Pasquim*, pode-se notar tamanho o desconforto gerado por uma peça que tematizou a reivindicada categoria de “mulheres” no seio de uma sociedade em que predominam os valores heterossexistas:

Jaguar – Eu li num jornal aí que você está entrando numa de clube da luluzinha. É um negócio de show com Heloneida Stuart, Rose Marie Muraro, e Betty Friedan.

Cidinha – Betty Friedan não.

Jaguar – Qualé?

Cidinha – Os feios que me perdoem, mas beleza é essencial.

Jaguar – E daí?^{iv}

Já nesse trecho da entrevista, uma questão peculiar. Obviamente a feminista norte-americana Betty Friedan não fazia parte da peça teatral. Disso, tanto os colunistas do *Pasquim* quanto Cidinha Campos sabiam muito bem! Sua incursão a terras brasileiras tinha mais de três anos, e fora bastante comentada pela mídia brasileira, inclusive *O Pasquim*! Nota-se então, no pequeno trecho, mais uma (das muitas) “alfinetadas” do colunista e cartunista Jaguar para com Cidinha Campos, no andamento da reportagem. Jaguar, talvez em muito influenciado pelo uso constante do álcool como companheiro inseparável dos entrevistadores (e nesse caso da entrevistada) nas gravações das entrevistas do *Pasquim*, não fizera a menor questão de demonstrar delicadeza nas perguntas e respostas direcionadas à Campos^v. Mas o que mais chama atenção, não é a ironia de Jaguar relacionando o “clube da luluzinha” de Cidinha Campos (no caso, a montagem de *Homem não entra*) com a figura da famosa (nem sempre por aspectos positivos) feminista norte-americana Betty Friedan, e nem a grafia errônea, talvez intencional, do nome da feminista brasileira Heloneida Studart. Na verdade, as piadinhas chegam a ser previsíveis. Salta aos olhos o posicionamento de Cidinha em relação à mesma Betty Friedan. Em um primeiro momento, pensei a resposta da atriz como um caso isolado e, ainda, como mera adequação de Campos ao ambiente sexista criado pelos entrevistadores do *Pasquim*. Ledo engano, talvez. A fala de Cidinha Campos reflete um movimento muito maior que ganhava destaque no feminismo brasileiro. A latente necessidade de um distanciamento do feminismo importado, principalmente o estadunidense, para a concepção de um feminismo nacional, que estivesse ligado às questões e anseios da mulher brasileira. Uma das autoras do espetáculo, Rose Marie Muraro, em seu livro de memórias – *Memórias de uma mulher impossível* – elucida claramente essa questão.

O feminismo brasileiro não tinha nada a ver com o feminismo americano. Desde o início, o nosso feminismo era ligado à luta de classes. Eu assim fazia, Helleieth [Saffioti], Heloneida [Studart] e Carmem da Silva, todo mundo era de esquerda, menos a Romi [Medeiros da Fonseca].^{vi}

Todos os nomes citados por Rose Marie Muraro se referem à primeira leva de feministas brasileiras, informalmente chamadas de “dinossauras” do feminismo no Brasil. Suas atuações datam de um período anterior aos eventos promovidos em decorrência do Ano Internacional da Mulher, proposto pela Organização das Nações Unidas em 1975, época em que a efervescência do debate em relação da mulher ganhara maior destaque, o que se refletiu na intensificação do processo de identificação de homens e mulheres com as ideologias feministas no país.^{vii} Ambas as autoras da peça *Homem não entra*, Rose Marie Muraro e Heloneida Studart, desde a transição dos anos sessenta para os anos setenta, já vinham escrevendo livros sobre a situação da mulher brasileira e o papel da mesma na construção de uma nova sociedade. Com um forte teor marxista que permeava muito da movimentação feminista brasileira, tais obras adequaram uma discussão global acerca da emancipação feminina para a realidade e a lógica de um país tido como subdesenvolvido.

Em 1970, publiquei meu primeiro livro abertamente feminista, em que fala sobre machismo, mas o livro era muito voltado para a contracultura. O movimento feminista estava no seu auge nos Estados Unidos e na Europa. *Libertação sexual da mulher* foi o livro que introduziu no Brasil as teses que as feministas estavam defendendo no mundo inteiro. Nele, procurei dar uma visão geral do que estava acontecendo com as mulheres no resto do mundo.^{viii}

É nesse sentido que também se encaixa a obra *A mulher – brinquedo do homem?*, de Heloneida Studart, editada em 1969. Nesse livro Heloneida, então famosa pelo seu trabalho jornalístico e seus romances muito elogiados pela crítica, faz um apanhado geral da história da opressão da mulher. Da chamada Pré-história à inserção das mulheres nos mecanismos de produção na contemporaneidade, tanto no Brasil quanto no resto do mundo. As obras e militância de Heloneida e Rose Marie, tornam-se assim de grande importância para o debate e difusão de um emergente feminismo brasileiro. É necessário deixar claro aqui que esse “feminismo brasileiro” não é, de forma alguma, algo homogêneo e fechado. Este perpassara, e ainda perpassa, por diversas discussões e embates teóricos. Poderíamos falar, então, em “feminismos” brasileiros, dada a diversidade de discussões e narrativas que tratam sobre a emancipação feminina. A grande relevância de um feminismo ligado às lutas da esquerda brasileira e a uma corrente epistemológica fortemente matizada pelo marxismo e a luta de classes, adquire um caráter circunstancial no Brasil. Sob forte repressão vinda dos governos militares vigentes no país entre 1964 e 1985, muito das discussões feministas em voga na época estava intimamente ligado aos grupos de esquerda, ainda

clandestinos, que figuravam na resistência à ditadura (porém, é necessário ressaltar aqui que, há muito, a teoria marxista vinha lentamente sendo introduzida no país). É dessa época o acirrado debate entre “lutas gerais” e “lutas específicas” proposto por tais grupos. Muitos desses grupos acreditavam que a luta feminista, uma luta específica, viria a destoar e desmobilizar o proletariado de uma luta de classes e posterior tomada do poder, objetivo maior previsto por alguns desses grupos. Essa relação entre “lutas gerais” e “lutas específicas”, no que diz respeito ao feminismo brasileiro é discutida no artigo, ainda não publicado, de Joana Maria Pedro chamado *Narrativas fundadoras do feminismo: poderes e conflitos (1970 – 1978)*. Pontuado isso, temos *Homem não entra* concebida não só no momento de grande explosão do feminismo no país, mas com a autoria de duas das maiores figuras de tal movimentação em território nacional. Heloneida e Rose Marie^{ix}.

Dessa forma, encaro as declarações de Cidinha Campos sobre Betty Friedan n’*O Pasquim*, não apenas como um comentário maldoso sobre a feiúra da militante norte-americana. É também, uma tentativa, que se refletia em grande parte do feminismo brasileiro de se desfazer de alguns rótulos que perseguiam muitas das feministas do país: “feia”, “lésbica” e “mal-amada” – entre outros. Muitos desses rótulos haviam se cristalizado na própria figura de Betty Friedan, em grande parte, alimentados pela mídia brasileira. Nas palavras de Rose Marie Muraro: “Quando ela chegou, encontrei uma mulher feia e agressiva. E morri de susto!”^x. A mesma autora, por sua ligação com o feminismo, também foi alvo de preconceitos.

(...) as feministas eram chamadas de lésbicas e chatas. (...) Ser feminista no Brasil em 1971 não foi fácil. Ibrahim Sued escreveu um artigo me malhando, dizendo que não casava comigo porque eu era feia e lésbica, pode?^{xi}

Rose Marie Muraro não menciona nem quando, nem onde tal artigo de Ibrahim Sued foi publicado. Dessa forma, não se pode saber se o teor do mesmo coincide exatamente com a narrativa de Rose Marie atribuída a este. Mais importante, nesse caso, é notar como a aversão a tais rótulos permanecera na memória de tais personagens, para que possamos pensar o quanto essas figuras ligadas aos movimentos de emancipação da mulher tiveram que lidar com esses preconceitos. Para a historiadora Ilze Zirbel, “havia na época um grande receio para com a identificação de feminista devido a apropriação e má utilização do termo pela imprensa masculina”^{xii}. Perceber isso também é muito significativo para tentarmos notar como o feminismo foi entendido e apreendido por muitos brasileiros no período, sejam eles homens ou mulheres.

Segue a entrevista de Cidinha Campos ao Pasquim, e esta então anuncia o seu espetáculo:

Cidinha – Estamos com uma peça no Teatro da Lagoa chamado “Homem Não Entra”. E não entra mesmo.^{xiii}

Millôr Fernandes, que segundo Rose Marie “era profundamente antifeminista”^{xiv}, rebateu em seguida:

Millôr – Por que esse negócio de impedir o homem? Eu nunca vi um show de homens em que se impedisse a entrada de mulheres.

Cidinha – Opa! No mundo inteiro você passa por portas de shows proibidos para mulheres.

Ziraldo – Isso é um ponto de venda do show.^{xv}

Criticada ou ironizada em exatamente todas as falas dos entrevistadores d’*O Pasquim* na discussão colocada até então sobre o *show Homem não entra*, Cidinha Campos justifica a montagem da peça e a relação desta com o parcela masculina da sociedade:

Cidinha – Não vamos jogar o homem pro alto, vamos colocá-lo nas alturas. Vamos defender um sexo em extinção. O homem está acabando. O terceiro sexo está passando para o primeiro. Precisamos defender o homem. Eu, em particular gosto muito. Como está acabando, é preciso inventar um novo homem.

Ziraldo – O homem está em extinção?

Cidinha – Eu provo isso com estatísticas da ONU sobre o número de homens que se tornaram homossexuais.

Ziraldo – E eu te dou estatísticas da UNESCO sobre o número de mulheres que se tornaram sapatões.

Cidinha – Precisamos salvar a espécie.

Ziraldo – Que nada, deixa eles aí. Os homens tão em extinção? Se não for verdade, pra mim é ótimo. Espalha! Espalha!^{xvi}

A declaração acima merece um pouco mais de atenção. Em primeiro lugar, pelo fato de não sabermos o quanto da subjetividade de Cidinha fora influenciada pelo ambiente e discussão de cunho sexista colocados pelos entrevistadores do periódico. Em segundo lugar, torna-se ainda mais complicado separar as opiniões pessoais de Campos, visto que a mesma é produtora e protagonista da peça, dos objetivos coletivos propostos na elaboração da mesma com Heloneida Studart e Rose

Marie Muraro. Pessoalmente, supus que as opiniões de Cidinha Campos em relação a um possível aumento dos casos de homossexualismo entre homens – e falo possível, dada a falibilidade de tais estatísticas, que nem sempre retratam o número real de casos de homens que se tornaram homossexuais, mas sim os que passaram a se identificar como tal (lembramos, eram tempos onde a libertação sexual e o *gay power* haviam atingido grande repercussão e notoriedade) – fosse um argumento individual e que pouco pudesse ter relação com o que, acredito eu, fossem os principais objetivos da encenação de *Homem não entra*. Isso é, dar voz à mulher para que esta discutisse a opressão que sofria e o sua situação na sociedade. Porém, minhas leituras posteriores mostraram-me que essa discussão que liga o suposto aumento do homossexualismo com a retomada das discussões acerca do feminismo, é um terreno muito mais movediço e que suscita discussões. Rose Marie Muraro, após ler a obra *The Feminine Mystique*, de Betty Friedan, em 1969, afirma ter pensado:

“Acho que os Estados Unidos são uma sociedade em que alguma coisa vai acontecer. Em uma sociedade em que o homossexualismo deve ser forte. Porque aquelas mulheres autoritárias, aquelas *moms*, só podem ser mães de homossexuais, não é possível!” (...) No início dos anos 70 eu achava os EUA uma sociedade assustadora, como ainda vejo hoje. Ali eu via o homossexualismo, que estava por baixo de tudo. Era fruto de uma fortíssima repressão por parte dos estereótipos. Tive essa intuição naquele momento, com o livro de Betty Friedan, que não foi feito para revelar o poder *gay*, mas no fundo do livro aparecia uma sociedade homossexual. Ou monossexual, o que vem a ser a mesma coisa. Homens e mulheres me pareciam dissociados entre si, vivendo até em confronto numa sociedade muito competitiva e agressiva. Quando descobri que era verdade, achei terrível, não porque rejeite o homossexualismo, mas porque sonho que a sociedade deve ser governada pelos princípios feminino e masculino juntos. Sou aliada dos homossexuais porque eles também são grandes oprimidos. Mas não quero uma sociedade em que homem e mulher sejam dissociados.^{xvii}

Difícil saber o quanto do que Rose Marie Muraro pensa sobre o tema influenciou na montagem do espetáculo nesse texto debatido. Curiosamente, Heloneida Studart, a outra autora da peça, no mesmo ano em que *Homem não entra* estreou (1975) publicou um romance onde a relação entre o feminino e o homossexual masculino também era tematizada. *O pardal é um pássaro azul*, é

(...) um romance político (...) [e] também uma história de amor. Não o amor de uma mulher corajosa e terna por um homossexual, como poderia parecer, à primeira vista. Mas de uma mulher corajosa e terna por um verdadeiro homem. Que por infelicidade dela, era homossexual, como poderia ser ruivo ou sardento.^{xviii}

Mesmo assim, ainda não convencidos pelos argumentos de Cidinha Campos em relação à construção de um “novo homem”, proposta pela montagem do *show*, a pouco amistosa troca de farpas continua até o final da entrevista.

Fato é, que a temática abordada pela peça e a própria estrutura descentralizada da mesma continuaram a figurar no decorrer do ano de 1975, por diversos veículos da mídia nacional, que acabaram por evidenciar os conflitos gerados por uma audaciosa peça de teatro. Cidinha Campos comenta na *Revista Fatos e Fotos* acerca da receptividade da peça:

“Em todas as grandes cidades brasileiras, mulheres que nunca puderam pagar um analista tiveram a oportunidade de se reunir e, pelo preço de um ingresso, discutirem livremente os seus grilos a respeito dos homens.”

Uma espectadora confessou que trocava seu marido por um boneco de soprar. Outra admitiu que seu melhor amigo era um homossexual, com quem tinha muitas coisas em comum, “inclusive o mesmo esmalte de unhas”. Algumas mulheres na platéia fizeram declarações patéticas: “Meu marido me provoca urticária”. Ou então: “Olhem para mim, cheia de estrias, pelancas e celulite, marcada pela maternidade. E agora, ele, o causador de tudo, diz que estou um bofe”.^{xix}

Essas declarações apenas foram possíveis pelo importante fato da entrada de homens ser proibida nas imediações do teatro. Fato esse que, através da abrangente discussão gerada na sociedade brasileira, levou à peça a enfrentar sérios problemas com a censura federal.

AGORA NINGUÉM ENTRA

A peça de Cidinha Campos, “Homem não Entra”, já foi devidamente espinafurada aqui mesmo no *Pasquim* como ridícula, discriminatória, reacionária, etc. Quinta-feira passada a censura de Brasília proibiu sua encenação na capital federal alegando dispositivos da Constituição, segundo a qual não pode haver discriminação de sexo, raça e religião no país. Até aí tudo bem. Mas pergunta-se: 1) Por que a Constituição só é invocada quando interessa punir a mulher? 2) Por que ainda não chiou a justiça contra a discriminação de sexo cometida por instituições machistas como a Academia Brasileira de Letras, o Lyons e o Rotary Club – e até mesmo a Petrobrás? - Sérgio Augusto)^{xx}

Homem não entra acabou tendo sua encenação proibida, por não ter adequado os dispositivos da Constituição em seu conteúdo. Também outras narrativas enumeram outros motivos em se tratando da proibição do intento de Cidinha Campos. Em *Memórias de uma mulher impossível*, Rose Marie Muraro exprime em poucas linhas a sua versão do fato:

Havia uma série de conjunturas que levaram os militares a proibi-la. Primeiro, porque aprontei muito no Ano Internacional da Mulher. Segundo, porque correu o boato de que as mulheres de militares não gostaram nem um pouco daquela peça. (...) Depois a Cidinha quis fazer outra chamada *Agora entra tudo*, mas já não dava mais para fazer porque os militares não gostaram do título.^{xxi}

Esta pesquisa, ainda em fase processual, buscou historicizar o debate gerado à época acerca da montagem e encenação de *Homem não entra*. Através de uma perspectiva de gênero, pode-se notar dentro da concepção da peça estudada, uma reificação da categoria “mulheres”. Um debate coletivo aprofundado, dentro do espaço cênico, sobre as especificidades da categoria reivindicada gerou, em contrapartida, uma reação dos mecanismos estatais de vigilância em prol de um modelo de ordem que vem a permear profundamente as relações de gênero.

ⁱ “O presente trabalho foi realizado com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq – Brasil”. Texto orientado pela Profa. Dra. Joana Maria Pedro, resultado parcial da pesquisa “Revolução do gênero: apropriações e identificações com o feminismo (1964-1985)”.

ⁱⁱ STUDART, Heloneida; CUNHA, Wilson. A primeira vez... à brasileira. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Edições Nosso Tempo, 1979. p. 55.

ⁱⁱⁱ ORBAN, Francisco. Cidinha Campos – Sai ‘Homem não entra’, entra ‘Agora entra tudo’. In: Revista Fatos e Fotos. n° 745, 01/12/1975. p. 24.

^{iv} O Pasquim. Ano VI - n° 287 – Rio, 26/12/74 a 01/01/75. p. 12.

^v Jaguar, sobre a entrevista: “Cheguei na casa de Cidinha com a maior má vontade, já calibrado com uns 6 fernet-brancas e tive, seguramente, a pior atuação da minha carreira de entrevistador. (...) Malgré tout, deve admitir, a contra gosto, que Cidinha é encantadora, delicada e com um tremendo saco para bêbados agressivos”. Ibidem, p. 10.

^{vi} MURARO, Rose Marie. Memórias de uma mulher impossível. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 1999. p. 172.

^{vii} PEDRO, Joana Maria. Narrativas fundadoras do feminismo: poderes e conflitos (1970 – 1978). Artigo a publicar, 2005.

^{viii} MURARO, R. M. Op. Cit. p. 174.

^{ix} “ ‘As mulheres curtiam adoidado’ , dizem Rosemarie Muraro e Heloneida Studart, autoras de *Homem não entra*”.

ORBAN, F. Op. Cit. p. 24.

^x MURARO, R. M. Op. Cit. p. 169.

^{xi} Ibidem, p. 165 – 166.

-
- ^{xii} ZIRBEL, Ilze. A caminhada do movimento feminista brasileiro: das sufragistas ao Ano Internacional da Mulher. Disponível em <<http://geocities.yahoo.com.br/izirbel/Movimentomulheres.html>>. Acesso em 23 de novembro de 2005.
- ^{xiii} O Pasquim, n° 287. Op. Cit. p. 12.
- ^{xiv} MURARO, R. M. Op. Cit. p. 168.
- ^{xv} O Pasquim, n° 287. Op. Cit. p. 12.
- ^{xvi} Idem.
- ^{xvii} MURARO, R. M. Op. Cit. p.166.
- ^{xviii} STUART, Heloneida. O pardal é um pássaro azul. 4ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1986. Contracapa.
- ^{xix} ORBAN, F. Op. Cit. p. 24.
- ^{xx} AUGUSTO, Sérgio. Agora ninguém entra. In: O Pasquim. Ano VII - n° 329 – Rio, 17 a 23/10/75. p. 24.
- ^{xxi} MURARO, R. M. Op. Cit. p. 199 – 200.